

Artigo

História em quadrinhos e promoção da saúde sexual na escola: validação de um instrumento educativo

Comic and promotion of sexual health at school: validation of educational instrument

Cómic y promoción de la salud sexual en la escuela: validación de instrumento educativo

Isadora Pereira Farias¹, Jane keyla Souza dos Santos Macedo², Thayse Gomes de Almeida³, Ruth França Cizino Trindade⁴, Eveline Lucena Vasconcelos⁵

Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió - AL, Brasil

Resumo

Objetivou-se validar um instrumento educativo, no formato de história em quadrinhos, como ferramenta pedagógica para estudantes da educação básica de município brasileiro. Trata-se de pesquisa metodológica, de abordagem quantitativa, realizada com 45 estudantes, de 10 a 17 anos de idade, de escola da rede pública de Maceió-Alagoas, Brasil. Para coleta de dados, realizaram-se oito grupos focais. Os dados quantitativos foram apresentados em forma de distribuições de frequências absolutas e relativas. Os dados qualitativos foram submetidos à técnica de análise de conteúdo. Os resultados apontaram que 100% dos estudantes mostraram boa aceitabilidade, considerando a história muito boa ou boa, e com tema muito importante referido por 95,6% deles. Quanto aos assuntos discutidos na história, 48,9% dos alunos relataram pouca dificuldade na compreensão de alguns vocábulos, não havendo associação significativa entre o entendimento do conteúdo e as variáveis sexo e idade. Em relação à adequabilidade da história, 100% dos estudantes referiram que não mudariam nada no material. Quanto ao conteúdo da história em quadrinhos, os alunos recomendaram mudanças em relação ao vocabulário e às ilustrações. O instrumento educativo foi considerado válido, com grande potencial pedagógico, possibilitando acrescentar resultados consideráveis frente aos desafios de promover saúde sexual e reprodutiva para população adolescente no ambiente escolar.

Abstract

This study aimed to validate an educational tool, in the form of a comic strip, as a pedagogical tool for students of basic education in the city of Maceió-Alagoas. This is a methodological research, with a quantitative and qualitative approach, carried out with 45 students, from 10 to 17 years old, from a public school in Maceió-Alagoas. For data collection, eight focus groups were performed. Quantitative data were presented in the

1. Mestra em Enfermagem pela UFAL (Maceió- AL), Brasil. E-mail: isadora.pfarias@gmail.com ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5771-8492>;

2. Mestra em enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas/UFAL. (Maceió - AL), Brasil. E-mail: jkeyla_souza@hotmail.com ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5037-097X>;

3. Doutora em Enfermagem pela UFPE (Recife-PE). Mestra em Enfermagem pela UFAL. (Maceió-AL), Brasil. E-mail: thaysegalmeida@gmail.com ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8747-023X>

4. Doutora em Enfermagem pela USP (São Paulo-SP), Docente – UFAL (Maceió – AL), Brasil. E-mail: ruth.trindade@esenfar.ufal.br ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9932-6905>

5. Doutora em Medicina Preventiva y Salud Pública pela Universidad de Granada, Espanha. Docente -UFAL. (Maceió-AL), Brasil. E-mail: evelinelucena@gmail.com ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3522-6248>



form of distributions of absolute and relative frequencies. Qualitative data were analyzed based on the content analysis technique. The results showed that 100% of the students showed good acceptability, considering the story very good or good, and with a very important theme - referred by 95.6% of them. As for the subjects discussed in the story, 48.9% of students reported a little difficulty in understanding some words, with no significant association between understanding the content and the variables sex and age. Regarding the adequacy of the story, 100% of the students said that they would not change anything in the material. As for the content of the comic, students made suggestions regarding vocabulary and illustrations. The educational instrument was considered valid, with great pedagogical potential, making it possible to add considerable results in the face of the challenges of promoting sexual and reproductive health for the adolescent population in the school environment.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo validar una herramienta educativa, en forma de tira cómica, como herramienta pedagógica para estudiantes de educación básica de la ciudad de Maceió-Alagoas. Se trata de una investigación metodológica, con enfoque cuantitativo y cualitativo, realizada con 45 alumnos, de 10 a 17 años, de un colegio público de Maceió-Alagoas. Para la recolección de datos se realizaron ocho grupos focales. Los datos cuantitativos se presentaron en forma de distribuciones de frecuencias absolutas y relativas. Los datos cualitativos se analizaron con base en la técnica de análisis de contenido. Los resultados mostraron que el 100% de los estudiantes mostró buena aceptabilidad, considerando la historia muy buena o buena, y con un tema muy importante - referido por el 95,6% de ellos. En cuanto a los temas tratados en la historia, el 48,9% de los estudiantes refirió una pequeña dificultad para entender algunas palabras, sin asociación significativa entre la comprensión del contenido y las variables sexo y edad. En cuanto a la adecuación de la historia, el 100% de los estudiantes dijo que no cambiaría nada en el material. En cuanto al contenido del cómic, los estudiantes hicieron sugerencias sobre vocabulario e ilustraciones. El instrumento educativo fue considerado válido, con gran potencial pedagógico, permitiendo sumar resultados considerables ante los desafíos de promover la salud sexual y reproductiva de la población adolescente en el ámbito escolar.

Palavras-chave: Tecnologia educacional, Educação sexual, Adolescente.

Keywords: Educational technology, Sex education, Adolescent.

Palabras claves: Tecnologia Educacional, Educación sexual, Adolescente.

Introdução

As Histórias em Quadrinhos (HQ) se caracterizam como importante recurso tecnológico comunicativo e educativo, com informações escritas e ilustrativas, de fácil acesso e compreensão, que atingem público das mais diversas classes sociais e idades, por abranger histórias dos mais variados assuntos (Prado; Sousa Júnior; Pires, 2017), possibilitando o desenvolvimento de um processo educacional interativo (Pinto *et al.*, 2017). Como tecnologia educativa voltada para promoção da saúde, as HQ são recursos que promovem aprendizagens significativas e contribuem para redução à exposição

do público-alvo a danos associados aos cuidados em saúde (Silveira; Cogo, 2017).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2015), os problemas de saúde relacionados à sexualidade representam significativa carga de doenças em todo o mundo. Isso inclui morbimortalidade relacionada ao HIV e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e à falta de acesso a serviços de contracepção e aborto seguro; além de sequelas de violência sexual, mutilação genital feminina e cânceres reprodutivos.

No Brasil, a população adolescente representa, atualmente, 17,9% do total dos brasileiros, com pouco mais de 34 milhões de pessoas (OPAS, 2017). Esta constitui grupo populacional que exige novos modos de produzir saúde, pois o ciclo de vida particularmente saudável evidencia que os agravos em saúde decorrem, em grande medida, de modos de fazer “andar a vida”, de hábitos e comportamentos que em determinadas conjunturas, os vulnerabilizam (Brasil, 2018).

Sendo os adolescentes um segmento vulnerável da população, sobretudo, devido à prática de ações pouco seguras em relação à sexualidade, é preciso adotar estratégias em educação em saúde, priorizando, também, projetos intersetoriais, em ambientes diversificados, voltados às demandas desse grupo chave (Higa *et al.*, 2015).

Contudo, a capacidade dos indivíduos de alcançar saúde e bem-estar sexual depende do acesso a informações abrangentes sobre sexualidade, conhecimento sobre os riscos que enfrentam e a vulnerabilidade aos efeitos adversos consequentes à atividade sexual, cuidados em saúde de boa qualidade e ambiente que afirma e promove a saúde sexual (Organização Mundial de saúde, 2015). As várias representações acerca da saúde sexual, bem como os diversos recursos de abordagem à temática estão presentes e/ou repercutem no universo pedagógico brasileiro (Furlani, 2017).

Na atualidade, a utilização dos recursos tecnológicos pelos adolescentes ocorre de forma intensa em todos os ambientes de convívio; eles buscam variados tipos de informações, inclusive sobre saúde, e, sobretudo, relacionadas a assuntos considerados por estes constrangedores, como a puberdade. Neste sentido, a utilização de HQ como recurso didático vem a traduzir-se como ferramenta fundamental para a abordagem da saúde sexual, que gera efeitos positivos, no quesito ensino-aprendizagem, tanto no ambiente familiar quanto escolar (Pinto *et al.*, 2017), dinamizando a forma de como esses conteúdos e as competências serão absorvidos e atingidos pelos adolescentes.

É importante que o profissional de saúde, em especial o enfermeiro, frente ao seu papel de educador em saúde, nos variados campos sociais, consiga conhecer e compreender o adolescente, além de entender os espaços que este frequenta, para organizar ações de saúde voltadas para esse público. Acrescente-se que, em conjunto com outros ambientes sociais, a escola cumpre função decisiva na formação de alunos, uma vez que é durante o período escolar que ocorre o desenvolvimento corporal gerado pelos hormônios responsáveis pelo aflorar da sexualidade dos adolescentes (Pinho; Garcia, 2016).

Assim, este estudo objetivou validar instrumento educativo, no formato de história em quadrinhos, denominado “Puberdade: o que acontece comigo?”, como ferramenta pedagógica para adolescentes.

2. Métodos

Trata-se de pesquisa metodológica, de abordagem quantiquantitativa, com foco na validação de tecnologia educativa.

O estudo foi realizado em escola da rede pública de ensino do município de Maceió – Alagoas, Brasil, com 45 estudantes, com idades entre 10 e 18 anos. A definição do número de alunos seguiu o referencial do grupo *DISABKIDS*[®] (DISABKIDS, 2004).

Os critérios de inclusão dos participantes foram: estudantes, de ambos os sexos, do ensino fundamental e médio da educação básica, com idades entre oito e 18 anos. Excluíram-se os alunos que não estivessem participando das atividades escolares por qualquer motivo; aqueles sem habilidade cognitiva mínima de entendimento às histórias – identificados segundo relato dos professores e observação da pesquisadora; e aqueles que apresentassem alguma dificuldade ou transtorno específico de aprendizagem – baseada em informações médicas.

Para validação do instrumento, os participantes foram divididos em grupos de seis integrantes. Inicialmente, os estudantes participantes leram a história e, posteriormente, responderam a um Formulário de Impressões Gerais, baseado no instrumento *DISABKIDS*[®], a fim de avaliar atributos como: qualidade, entendimento, relevância e adequação da história em quadrinhos. Logo após, analisaram detalhadamente a história, por meio de grupos focais, que seguiram roteiro estruturado adaptado das folhas de impressão específicas do *DISABKIDS* (DISABKIDS, 2004). Os alunos foram agrupados segundo o sexo e a idade, as idades variaram de 10 a 12 anos, 13 a 15 anos, e 16 a 18 anos, para ambos os sexos.

As oficinas de coleta de dados ocorreram entre abril e maio de 2019, com a realização de um grupo focal semanal. O tempo médio para a oficina com a leitura, resposta ao questionário e grupo focal era de, aproximadamente, duas horas.

Para coleta, utilizaram-se da intervenção da moderadora, do registro da relatora e da gravação em áudio do grupo, esta realizada conforme acordo firmado nos Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinados previamente pelos estudantes e os respectivos responsáveis legais.

Os dados quantitativos foram analisados de acordo com o software estatístico *Statistical Package for the Social Sciences - SPSS 20*. As informações foram apresentadas em forma de distribuições de frequências absolutas e relativas, medidas de tendência central e variabilidade (desvio padrão).

O cálculo das frequências das respostas obtidas foi realizado por meio da estatística descritiva. O teste qui-quadrado ou exato de Fisher e os respectivos intervalos de confiança a 95% (IC95%) foram utilizados para verificar eventuais diferenças entre as frequências e proporções. Consideraram-se diferenças significativas quando o erro fosse $p \leq 0,05$ para testes bicaudais.

As informações gravadas nos grupos focais foram transcritas, para permitir análise qualitativa, seguindo o roteiro e os critérios estabelecidos para análise semântica, baseada na análise temática de conteúdo, de acordo com Bardin (2009).

Para preservar o anonimato dos participantes, optou-se por dar-lhes pseudônimos de personagens de histórias em quadrinhos nacionais.

A pesquisa respeitou os princípios éticos propostos nas Resoluções nº466/12 e nº510/16 do Conselho Nacional de Saúde, e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas, com número de protocolo 32997414.2.0000.5013.

3. Resultados

Após a etapa de convite, 63 alunos aceitaram e tiveram autorização dos responsáveis legais para participar do estudo. Destes, 13 estavam inseridos em algum critério de exclusão e cinco desistiram da participação na pesquisa na etapa de coleta dos dados, sendo selecionados, ao final, 45 estudantes.

Dentre os alunos participantes, 28 (62%) se identificaram como pertencentes ao sexo feminino e 17 (38%) ao masculino; 24 (53%) encontravam-se no ensino fundamental e 21 (47%) no ensino médio. A média de idade dos participantes foi 13,8 anos (dp 2,15).

Importância e compreensão da HQ

No tocante às impressões gerais sobre a qualidade do recurso pedagógico, a Tabela 1 indica a aceitabilidade dos estudantes à HQ, dados que apontam a adequação do recurso ao público-alvo.

Tabela 1. Distribuição das respostas dos estudantes sobre a história em quadrinhos “Puberdade: o que acontece comigo?”, quanto à importância. n=45. Maceió, Alagoas, 2019.

Impressões Gerais da HQ	N	%	(IC95%)
O que pensa sobre história que acabou de ler?			67,8 – 92,2
Muito boa	36	80	
Boa	09	20	
Não é boa	00	0,0	
O tema da história é importante para você?			89,2 – 100
Muito importante	43	95,6	
Pouco importante	01	2,2	
Não é importante em tudo	01	2,2	

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Quanto à compreensão ao que foi lido, percebeu-se nível de entendimento satisfatório dos estudantes ao conteúdo da HQ, na qual 73,3% deles referiram facilidade de entender os diálogos entre os personagens, e 26,7% alegaram ser “mais ou menos difícil”. Quanto aos assuntos discutidos, 51,1% dos alunos não tiveram dificuldade para entender, e 48,9% relataram pouca dificuldade para apreender os assuntos contidos na história em quadrinhos, destes, verificaram-se as associações do grau de dificuldade do entendimento com sexo ($p=0,652$) e faixa etária preestabelecidos ($p=0,914$), não havendo significância entre elas.

A dificuldade de compreensão do conteúdo da HQ referida pelos estudantes foi relacionada ao vocabulário utilizado, na qual foram questionados

os termos: testosterona, ejaculação, sêmen, estrógeno, glândulas sexuais, e óvulo.

Algumas vezes, tive dificuldade em algumas palavras. (Piteco, 13 anos)

Eu tive na parte que explicou as mudanças tanto do órgão da mulher quanto do homem. Tem nomes ali que a gente não sabia e que fica até difícil de pronunciar. (Nina, 16 anos)

Só as palavras auréolas, pubianos e genitais. Mas, algumas eu já sei, já estudei. (Maria Cebolinha, 11 anos)

Ao referir-se à adequabilidade da história em quadrinhos, observou-se opinião dos estudantes em relação às mudanças, às exclusões e aos acréscimos de itens na HQ, conforme Tabela 2.

Tabela 2. Distribuição das respostas dos estudantes sobre a história em quadrinhos “Puberdade: o que acontece comigo?”, quanto à adequabilidade. n=45. Maceió, Alagoas, 2019.

Sugestões	N	%
Gostaria de mudar alguma coisa na história?		
Sim	00	0,0
Não	45	100
Gostaria de acrescentar algo na história?		
Sim	07	15,6
Não	38	84,4
Houve algo que você não gostaria de saber na história?		
Sim	04	8,9
Não	41	91,1

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Quanto às sugestões de acréscimos na HQ, sugeriram-se mais discussões sobre o tema puberdade; mais falas sobre os cuidados com a acne, bem como sobre métodos contraceptivos e gravidez na adolescência. A acne trata-se de um evento comum, inerente da puberdade, uma vez que decorre da grande carga hormonal ocorrida no corpo nessa fase da vida; os métodos contraceptivos e a gravidez na adolescência são temas abordados em outros gibis da série Sexualidade e Educação, logo não foram feitas alterações na história em quadrinhos, por se tratarem de aspectos que ultrapassam o objetivo do instrumento educativo.

Linguagem

Apesar de 100% dos estudantes terem afirmado que não mudariam nenhum elemento do recurso pedagógico, ao longo das discussões, nos grupos focais, apareceram sugestões sobre o texto e o tipo de linguagem utilizada (Figuras 1 e 2).

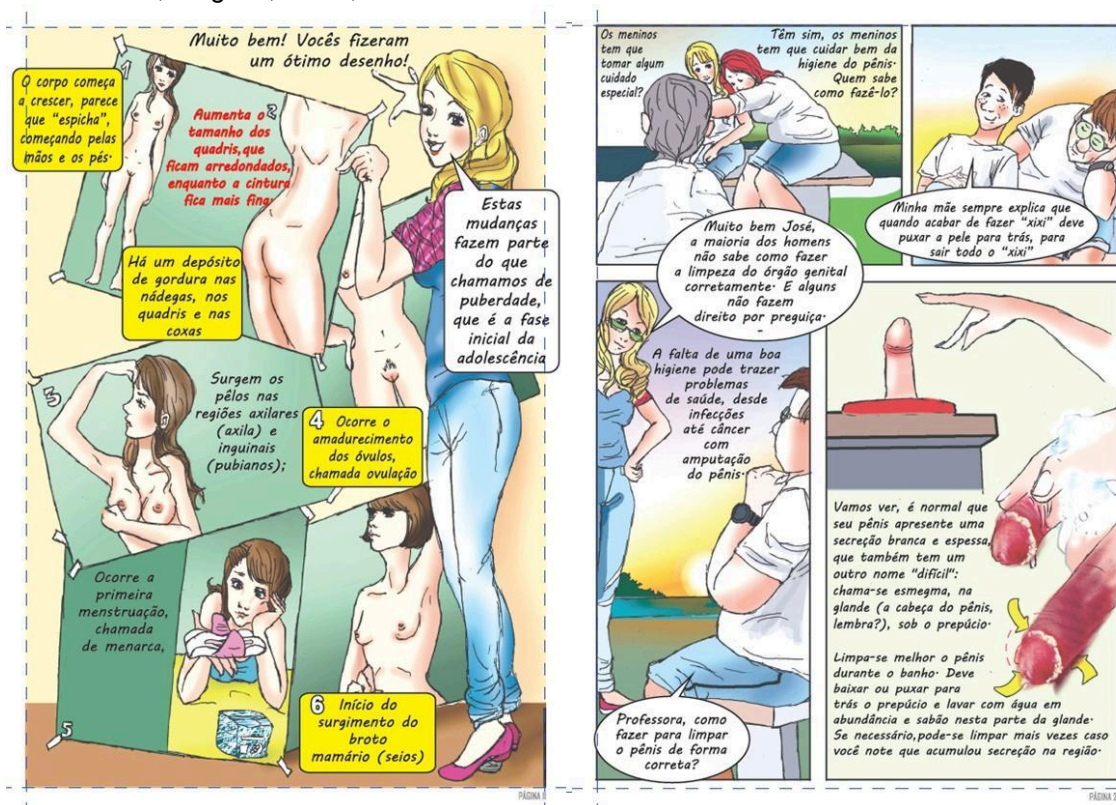
A linguagem eu deixaria mais informal. Seria mais fácil para eles entender. (Shirley, 17 anos)

Eu contaria de uma forma mais fácil, tipo [pausa] não usaria palavras tão formais. (Emília, 16 anos)

Eu mudava esses negócios [palavras] que o cara não entende. (Horácio, 13 anos)

Eu acho que eu explicaria do meu jeito, do jeito que eu entendi. Sem aqueles nomes lá. (Nina, 16 anos)

Figura 1 – Representação da HQ: páginas aleatórias demonstrativas do enredo da história – 11 e 21. Maceió, Alagoas, Brasil, 2019.



Fonte: Autores

Figura 2 – Representação da HQ: páginas aleatórias demonstrativas do enredo da história – 13 e 17. Maceió, Alagoas, Brasil, 2019.



Fonte: Autores

Desenhos

No tocante às ilustrações gráficas da história em quadrinhos, não houve ressalvas ou comentários negativos dos alunos em relação à capa ou aos personagens, revelando mais um ponto de adequação do material à realidade dos estudantes, uma vez que na HQ continham personagens com deficiência física, acima ou abaixo do peso, e com cor da pele e tipos de cabelos variados. Referiu-se dificuldade no entendimento da imagem relacionada aos estágios de desenvolvimento do corpo (Figura 3).

Eu tive dificuldade na questão dos desenhos, da parte que explicou as mudanças do órgão da mulher. Ficou meio confusa a imagem. (Nina, 16 anos)

Ficou tudo misturado, poderia ser cada um de um lado. (Jô, 16 anos)

Figura 3 – Representação da HQ: Estágios de desenvolvimento do corpo, página 15 – original e corrigida. Maceió, Alagoas, Brasil, 2019.



Fonte: domínio público

Também, recomendaram-se mudanças em relação ao local em que ocorreu a conversa entre os alunos e a professora, na história em quadrinhos, uma vez que os alunos se encontravam reunidos em espaço aberto, às margens de um rio:

Eu mudava só o canto, que eles estavam na rua. (Horácio, 13 anos)

No desenho, eu mudava para um canto mais reservado, para escutar melhor ou alguém podia ficar com vergonha também. (Jotalhão, 14 anos)

Sexualidade sem tabu

Em meio à discussão do conteúdo da HQ, algumas falas dos estudantes evidenciaram pontos importantes sobre a educação sexual dos adolescentes, o tabu presente nos diálogos familiares:

Na realidade, esse livro foi uma quebra de tabu. Assim, porque tem pessoas que mesmo com esses acontecimentos, não conseguem um adulto para orientar[...] é só mais um tabu da sociedade dizer que seu corpo, você só pode conhecer depois de mais velho. Por que não conhecer antes? Se as crianças e adolescentes comessem a ver a importância do seu corpo, era interessante, acho que é questão de educação mesmo. (Xaveco, 16 anos)

[...] Foi uma quebra de tabu, porque também não só tem o ensinamento em casa na escola também [...] esse livro ajudaria muito as adolescentes e diversas famílias também. (Quinzinho, 17 anos)

Minha mãe disse que era bom eu participar, porque eu ia aprender e ela também, porque ia conversar com ela em casa. (Nimbus, 11 anos)

A minha mãe disse que...ficou meia...é, confusa, meia desconfiada. Ela disse que eu poderia [participar do estudo], mas ficou desconfiada [...] ela disse que tinha medo de ser falado outras coisas sem ser a puberdade. (Dudu, 11 anos)

Ou se não também eles [pais] sabem, mas querem evitar falar [...] para ele não experimentar, mas pelo contrário, em vez de estar ajudando, está atrapalhando bastante. Aí, o filho vai querer saber e vai procurar na rua, muitas vezes, vai descobrir e fazer errado, e nisso o livro ajuda muito. (Zé Lelé, 16 anos)

4. Discussão

Ao deixarem impressões e sugestões, os participantes demonstraram boa aceitabilidade da tecnologia educacional, qualificando-a como muito importante, corroborando outros estudos (Cruz *et al.*, 2019; Oliveira, 2018), vigorando a ideia de que a HQ em questão, utilizada como recurso pedagógico validado, constitui ferramenta de grande importância para lidar com questões acerca da saúde sexual, já que sua forma lúdica e interativa estimula o hábito da leitura e favorece a interação social com e entre os adolescentes, além de contribuir para adoção de hábitos saudáveis de saúde por este grupo populacional.

Kawamoto e Campos (2014) apontam que o estudo do corpo humano, por meio dos quadrinhos, no meio escolar, pode instigar os estudantes,

estimulando-os a questionar e voltar o olhar para o próprio corpo, que está em fase de constantes mudanças, e ampliar conhecimentos científicos previamente adquiridos, contribuindo para que o indivíduo reflita sobre mudanças de hábitos e formas de pensamento.

A dificuldade expressa por alguns estudantes em relação a determinados vocábulos utilizados na HQ atentou para possibilidade de readequação do material, no entanto, perceberam-se a inquietação e dispersão de alguns alunos no momento de leitura do material, supondo que as dúvidas em relação aos termos permaneceram, mesmo todos estando elucidados ao longo da HQ, em razão da falta de atenção ao que era lido.

Acredita-se que essa desatenção à leitura possa estar relacionada à ansiedade dos alunos para discussão nos grupos focais, tendo em vista que foi mencionado que aquele era um momento em que podiam sanar dúvidas e curiosidades a respeito da puberdade e de outros aspectos da sexualidade, de forma que não se sentissem constrangidos ou julgados.

Outra possibilidade é que a dificuldade na compreensão do assunto possa estar relacionada à forma como este é tratado em sala de aula, se há informações sobre a temática por parte do professor e se essa informação é transmitida de forma efetiva para os alunos, como apontado por Nascimento *et al.* (2020), em estudo realizado com adolescentes escolares, por intermédio das narrativas dos alunos, nas quais apontaram falhas no mecanismo de repasse dessas informações, ou, até mesmo, omissão delas no ambiente escolar.

Cultural e historicamente, vive-se em meio a uma omissão e repressão da sexualidade de crianças e jovens na sociedade (Araújo *et al.*, 2013), onde posicionamentos e ideias tomam proporção em função do aspecto biológico ou de punições instintivas. Comumente, a sexualidade recebe um conceito equivocado e, mesmo em época de maior liberdade de expressão, ainda é possível encontrar dificuldade em dialogar a respeito desse assunto nos diversos ambientes de convívio.

Trata-se de uma herança cultural que perpassa diferentes ambientes, dentre estes, a família, a escola, a religião, a mídia, os grupos sociais. Desta forma, as marcas que são adquiridas pelas pessoas, nessas instâncias sociais, referem-se às situações cotidianas e experiências relacionadas com a construção de identidades sociais, sexuais e de gênero, até então muitas vezes condicionadas/formadas por discurso regulador para um disciplinamento de corpos (Furlani, 2017; Louro, 2016; Soares; Monteiro, 2019).

Para Savegnago e Arpini (2016) e Gonzales *et al.* (2017), muitas vezes, o adolescente não tem oportunidade de discutir a sexualidade nos espaços de convívio social, em especial no ambiente doméstico, nem mesmo são autorizados pelos responsáveis a participar de determinadas atividades acerca da temática, mesmo que em ambiente escolar, como foi visto neste estudo, em que parcela de interessados não puderam participar devido a não concordância dos pais.

Em pesquisa realizada por Cruz *et al.* (2016), com alunos do 8º ano escolar, evidenciou que quando questionados sobre a existência de dificuldades para conversarem sobre sexualidade, 52% dos alunos responderam sim, 43% afirmaram não e 5% ficaram no meio termo. Entre os maiores empecilhos apontados, sobressaíram-se a vergonha (30%), o

desconforto dos pais (20%), a falta de tempo, a dificuldade em expor alguns termos e a ideia de que tal assunto é para adultos (10% cada).

No ambiente escolar, o educador, sendo também responsável por formar, informar, debater, investigar, promover e refletir sobre vários temas, bem como possibilitar a ampliação do conhecimento do aluno, necessita conhecer o próprio papel diante da educação sexual e, assim, buscar estratégias que facilitem a abordagem da temática em sala de aula, por meio de metodologias participativas e dialógicas, desenvolvidas com criatividade, de forma intimista e lúdica (Nogueira *et al.*, 2016), a fim de contemplar os aspectos biopsicossocioculturais da sexualidade, adaptando os recursos ao contexto, sempre que necessário (Antoniassi; Miranda, 2020).

Pinho e Garcia (2016) apontam que tais estratégias, quando bem elaboradas, conseguem envolver diversos setores no processo educacional da sexualidade do jovem estudante, e acabam fortalecendo a promoção da saúde do adolescente. Neste quesito, a presença do profissional de saúde enfermeiro, traz facilidades para esse processo de promoção da saúde, uma vez que a união de suas habilidades técnicas, conhecimento científico e seu papel de educador, estimula debates, promove discussões, desenvolve ações, além de avigorar a interação entre os profissionais da educação e da saúde.

Como atores principais do processo de saúde e educação sexual, grande percentual dos estudantes aprovou a história em quadrinhos lida e não demonstrou desejo de mudanças no material, mas, em meio aos comentários dos alunos, destacou-se a preferência pela linguagem mais coloquial.

De acordo com Barbosa, Seabra e Silva (2017), a norma culta da língua portuguesa é definida como a variação linguística habitualmente utilizada por pessoas com elevado nível de escolaridade e cultura, e que a norma coloquial, por sua vez, pode ser considerada como variante mais espontânea, utilizada nas relações informais entre os falantes, sendo, portanto, a língua no uso cotidiano, sem muitas preocupações estéticas, com as normas dos usos linguísticos e estando, também, menos presa à rigidez das regras gramaticais.

Denota-se, portanto, que a linguagem mais fácil referida pelos alunos está relacionada, na verdade, aos termos científicos envolvidos no processo da puberdade, os quais foram citados previamente por eles como de difícil entendimento, e não ao estilo de linguagem utilizada no texto, uma vez que a mesma segue os padrões da informalidade, tão comum a esta faixa etária; e a nomenclatura, dita difícil e complicada, encontrava-se em meio ao texto, ligada à explicação ou ao nome popular correspondente. Logo, não houve alterações em relação à linguagem utilizada no recurso pedagógico avaliado.

A sugestão de alteração nas imagens relacionadas ao desenvolvimento das genitálias e pelos pubianos foi considerada pertinente, no entanto, acatada parcialmente, pois percebeu-se que, de fato, na imagem do desenvolvimento puberal feminino, a disposição das figuras não seguia uma ordem lógica e didática para o público adolescente, sendo feito o ajuste necessário.

No estudo anterior de validação deste mesmo instrumento, feito com os juízes, não foi mencionada a dificuldade no entendimento da figura supracitada. Isto pode ser devido ao fato dos juízes serem adultos e terem maior maturidade para assimilar a mensagem que se queria transmitir, e, por isso, não foi denotada tal dificuldade para compreendê-la.

Lima *et al.* (2017) apontam que esse processo de adaptação do material educativo às sugestões dos adolescentes é uma etapa essencial para tornar a tecnologia mais completa, de maior rigor científico e eficaz, durante a atividade de educação em saúde.

O desejo de alguns participantes de mudar o cenário em que os alunos conversavam com a professora sobre a puberdade, para um local mais reservado, remete ao fato das pessoas se sentirem constrangidas em falar sobre o tema, em explorá-lo de maneira natural. Falar de sexualidade, por se tratar de tema de natureza íntima e, ainda, permeado de preconceitos e tabus, muitas vezes difíceis de ultrapassar, causa vergonha e medo de repressão, por isso, a não exposição do assunto em ambientes abertos ainda é algo tão comum na sociedade (Lustosa, 2015).

A discussão da HQ fez os estudantes abordarem duas realidades distintas, no que concerne ao enfrentamento de um assunto ainda difícil de ser tratado socialmente nos dias atuais. De um lado, foi exposta a dificuldade em se falar de sexualidade com os pais e o tabu que permeia o tema; do outro lado, pela fala de Nimbus, foi possível perceber a total abertura dos pais em se falar sobre a temática.

A família é reportada como referência na vida dos adolescentes, principalmente, quando se pensa na orientação à sexualidade, no entanto, abordá-la como pauta de conversa ainda é um tabu na cultura social vigente, pois comumente vem associada com interdição, medo, vergonha, humilhação. As conversas sobre o tema no espaço familiar ocorrem ainda de forma pouco explícita (Antoniassi; Miranda, 2020; Martines; Rossarolla, 2018; Salomão; Silva; Cano, 2013; Savegnago; Arpini, 2016).

Martines e Rossarolla (2018) apontam que um tabu pode se transformar em uma polêmica, na qual um discurso pode se tornar hegemônico sobre outros, acarretando o silenciamento de outras formas de dizer, pensar, viver e, à medida que a vivência da sexualidade se torna insatisfatória, pode-se gerar interferências no processo de aprendizagem, nos relacionamentos e até na saúde mental e física dos sujeitos.

Apesar da repressão sexual ainda bastante presente, a preocupação com os filhos, a forma de orientá-los e as maneiras de conduzi-los com segurança no aprendizado sobre o corpo e outros aspectos da sexualidade nunca estiveram tão presentes na pauta das discussões como nos dias vigentes. Hoje, os pais estão preocupados ou, pelo menos mais interessados, em conseguir manter um diálogo aberto com os filhos (Salomão; Silva; Cano, 2013), o que gera também mudança no sentimento do adolescente para com estes pais, de que eles são pessoas imprevisíveis, críticas, indiferentes e censuradoras (Lustosa, 2015).

A melhoria na qualidade do diálogo familiar direciona positivamente o processo de educação sexual e, aliada às tecnologias educativas, configura-se em eficiente estratégia para redução da vivência de situações de vulnerabilidade e risco pelo público adolescente (Santos, 2018).

Diante do exposto, é necessário salientar que, apesar de a história em quadrinhos ter sido bem avaliada pelos adolescentes participantes, estes registraram contribuições e observações, de forma a garantir melhor qualidade do instrumento educativo para este público, contribuindo, assim, para o

desenvolvimento do produto final e refinamento da aplicabilidade, mediante a reformulação de informações e revisão das ilustrações.

Após validação com o público-alvo, foi necessário o retorno ao designer gráfico para proceder às alterações sugeridas pelos adolescentes, as quais darão origem à versão final da história em quadrinhos.

5. Considerações finais

No presente estudo, ao final, foi possível concluir que o objetivo foi alcançado, o instrumento educativo foi avaliado quanto à qualidade, ao entendimento, à relevância e adequação, junto à população-alvo, sendo considerado instrumento válido, com grande potencial pedagógico, possibilitando acrescentar resultados consideráveis frente aos desafios de se promover saúde sexual e reprodutiva para a população adolescente no ambiente escolar.

Este estudo trouxe significado relevante para discussão da temática sexualidade na adolescência, por representar o desenvolvimento de um tipo de trabalho pouco explorado na realidade do estado de Alagoas, Brasil. Com a forma interativa e lúdica, a HQ possibilitou boa relação entre pesquisadora e participantes, apesar da densidade do material e do relacionamento difícil com esse público, além de ser válido como instrumento que possibilita otimizar o processo de ensino-aprendizagem da sexualidade, constituindo-se inovação tecnológica educacional de grande contribuição para promover autonomia no aprendizado dos adolescentes, podendo ter o uso compartilhado dentro e fora das salas de aulas e em conjunto com outros estudantes, professores, familiares e profissionais de saúde.

Nessa perspectiva, o enfermeiro, enquanto profissional comprometido com a educação em saúde, e o professor, no ambiente escolar, com potencial atuação nas ações educacionais, possuem papel crucial na disseminação do uso das tecnologias educativas, uma vez que podem despertar o interesse dos adolescentes e estimular maior utilização destas por esse público, de modo a contribuir com a ampliação das ações de promoção da saúde e prevenção de agravos.

Referências

ANTONIASSI, P. V.; MIRANDA, M. A. G. C. Projeto Vale Sonhar como instrumento de educação sexual nas escolas públicas de São Paulo. **Revista Eletrônica de Educação**. v.14, 1-19, e3801101, jan./dez. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14244/198271993801>. Acesso em: 10 set. 2020.

ARAÚJO, M.G.; CASSIANO, A. N.; LIMA, G. A. F.; HOLANDA, C. S. M.; CARVALHO, J. B. L. Access of the male population to the health services: perception of the family health strategy professionals. **J. res.: fundam. care**. v. 5, n.4, p. 475-84. out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/269927366> . Acesso em: 30 de set. 2020.

BARBOSA, A. O.; SEABRA, A. O. C.; SILVA, M. L. P. **As normas padrão, culta e coloquial em artigos de opinião na revista nova escola**. In: IV Congresso Brasileiro

de Educação. João Pessoa, 2017. Disponível em:
https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA8_ID10265_16102017233107.pdf. Acesso em: 3 jun. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 6 ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. – 2. ed. 2018. Disponível em:
http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger_cuidar_adolescentes_atencao_basica.pdf. Acesso em: 2 jun. 2020.

CRUZ, E. P.; SOUZA, E.; SILVA, S. C. J; HORA, N. N.; NEVES, P. A. P. Diálogos sobre sexualidade no ensino fundamental: construindo conceitos e tirando dúvidas de alunos do 8º ano de uma escola municipal em Santarém, Pará, Brasil. **Scientia Plena**. v. 12, n. 6. 2016. Disponível em: <https://www.scientiaplenu.org.br/sp/article/view/3059>. Acesso em: 20 set. 2020.

CRUZ, G. C. V.; VASCONCELOS, M. G. F; MANIVA, S. J. C. F.; CARVALHO, R. E. F. L. Tecnologia educativa sobre a vacina papilomavírus humano. **Esc Anna Nery**. v. 23, n.3. 2019. Disponível em: <http://revistaenfermagem.eean.edu.br/default.asp?ed=45>. Acesso em: 2 out 2020.

DISABKIDS. **Translation and validation procedure guidelines and documentation form**. The Disabkids Grup Europe, 2004. Disponível em:
<https://www.disabkids.org/licensing-and-use/validation-guidelines/>. Acesso em: 20 out. 2019.

FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula: Relações de gênero, orientação sexual, e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Autêntica: 2017. 192 p.

GONZÁLEZ, V.; ORCASITA, L. T.; CARRILLO, J. P.; PALMA-GARCÍA, D. M. Comunicación familiar y toma de decisiones en sexualidad entre ascendientes y adolescentes. **Revista Lat. Cien Soc, Niñez y Juventud**. v. 15, n. 1, p. 419-430. 2017. Disponível em:
http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1692-715X2017000100027. Acesso em: 7 ago. 2020.

HIGA, E. F. R.; BERTOLIN, F. H.; MARINGOLO, L. F.; RIBEIRO T. F. S. A.; FERREIRA L. H. K.; OLIVEIRA, V. A. S. C. A intersectorialidade como estratégia para promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. **Interface, comunicação, saúde educação**. v. 19, supl. 1, p. 879-91. 2015. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/icse/v19s1/1807-5762-icse-19-s1-0879.pdf>. Acesso em: 07 out. 2020.

KAWAMOTO, E. M.; CAMPOS, L. M. L. Histórias em quadrinhos como recurso didático para o ensino do corpo humano em anos iniciais do ensino fundamental. **Ciênc. Educ.** Bauru. v. 20, n. 1, p. 147-158. 2014. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132014000100009&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 25 jul. 2020.

LIMA, A. M. A. C. C.; BEZERRA, K. C.; SOUSA, D. M. N.; ROCHA, J. F.; ORIÁ, M. O. B. Construção e Validação de cartilha para prevenção da transmissão vertical do HIV.



Acta paul. enferm. v. 30, n. 2, p. 181-189. 2017. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002017000200181&lng=en Acesso em: 9 set. 2020.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. cap. 1, p. 7-34.

LUSTOSA, G. L. S. **Falando sobre sexualidade**. 2014. 57 f. [Monografia]– Universidade de Brasília, Ceilândia, 2015.

MARTINES, E. L. M.; ROSSAROLLA, J. N. Sexo e sexualidade: tabu, polêmica ou conceitos polissêmicos? reflexões sobre/para a formação de educadores. **Revista Exitus, Santarém/PA**. v. 8, n. 2, p. 273 - 299. 2018. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6399928.pdf> . Acesso em: 7 jul. 2020.

NASCIMENTO, D. E. M.; GASPAR, V. S.; VICTOR, J. J. M.; DA SILVA, V. K. G.; DA SILVA, F. A. S.; FERREIRA, R. E. F.; MATOS, V. A. F. Saúde sexual na adolescência: desafios e perspectivas em âmbito escolar. **Braz. J. Hea. Rev.** Curitiba. v. 3, n. 5, p. 13170-13181. 2020. Disponível em:
<http://www.brazilianjournals.com/index.php>. Acesso em: 7 fev. 2021.

NOGUEIRA, N. S.; ZOCCA, A. R.; MUZZETI, L. R.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores. **Holos**. v. 3, p. 319-327. 2016. DOI: 10.15 628/holos.2016.2302. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2302>. Acesso em: 6 ago. 2020.

OLIVEIRA, M.I. **Construção e validação de gibi educacional sobre saúde sexual e reprodutiva de adolescentes escolares**. 2018. 103 f. [Dissertação] – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2018.

OMS – Organização Mundial da saúde. **Saúde sexual, direitos humanos e lei**. 2015. Disponível em:
http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/seminario_direitos_humanos_saude_sexual_reprodutiva_presidencia.pdf. Acesso em: 20 jul. 2020.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. Ministério da Saúde. **Saúde e sexualidade de adolescentes**. Construindo equidade no SUS. Brasília, DF: OPAS, MS, 2017. Disponível em:
http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexualidade_adolescente_construindo_equidade_sus.pdf. Acesso em: 5 jul. 2020.

PINHO, J. R.; GARCIA, P. T. (org). **Saúde do adolescente e a saúde da família**. São Luís: EDUFMA, 2016. 88 p.

PINTO, A.C.; SCOPACASA, L. F.; BEZERRA, L. L. A. L; PEDROSA, J. V.; PINHEIRO, P. N. C. Uso de tecnologias da informação e comunicação na educação em saúde de adolescentes: revisão integrativa. **Rev enferm UFPE on line**. Recife. v. 11, n. 2, p. 634-44. 2017. Disponível em:
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/11983/14540>. Acesso em: 7 ago. 2020.

PRADO, C. C.; SOUSA JÚNIOR, C. E. S.; PIRES, M. L. Histórias em quadrinhos: uma



ferramenta para a educação e promoção da saúde. **Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**. abr./jun, v. 11, n. 2. abr./jun, 2017. Disponível em: www.reciis.icict.fiocruz.br. Acesso em: 9 ago. 2020.

SALOMÃO, R.; SILVA, M. A. I.; CANO, M. A. T. Sexualidade do adolescente na percepção dos pais, sob a perspectiva de Foucault. **Rev. Eletr. Enf.** v. 15, n.3, p.609-18. jul/set, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v15i3.20978>. Acesso em: 9 out. 2020.

SANTOS, E. S. **Caminhos para prevenção primária do abuso sexual contra crianças: uma reflexão sobre as tecnologia educativas** [Dissertação] Rio de Janeiro, 2018. 135 f. Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Rio de Janeiro, RJ. 2018..

SAVEGNAGO, S. D. O; ARPINI, D. N. A abordagem do tema sexualidade no contexto familiar: o ponto de vista de mães de adolescentes . **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 36, n. 1, p.130-144. jan/mar. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000100130. Acesso em: 7 ago. 2020.

SILVEIRA, M. S.; COGO, A. L. P. Contribuições das tecnologias educacionais digitais no ensino de habilidades de enfermagem: revisão integrativa. **Rev Gaúcha Enferm.** v 38, n. 2, e66204. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472017000200501 Acesso em: 10 set 2020

SOARES, Z. P; MONTEIRO, S. S. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 73, p. 287-305, 294. jan./fev. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.61432> Acesso em : 10 set. 2020.

Agradecimentos

Ao público alvo, corpo docente e discente envolvidos no projeto, e à Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de Alagoas pela concessão da bolsa de mestrado para a primeira autora deste trabalho.

Enviado em: 18/032021 | Aprovado em: 01/08/2022

